



## BAQUE MULHER E SUAS RAÍZES NA MEMÓRIA CULTURAL/RELIGIOSA DO MARACATU NAÇÃO: UMA ANÁLISE DE *PERFORMANCE*

*Viviane de Faria Moreira*<sup>1</sup>

*Kassandra da Silva Muniz*<sup>2</sup>

**Resumo:** Em síntese o artigo que se segue afirma a existência das performances presentes na linguagem loas do Maracatu Nação de Baque Virado. Tendo como diferencial o estudo de loas do Baque Mulher, um grupo composto exclusivamente por mulheres que transmite através de suas escritas toda memória cultural religiosa das Nações de Maracatu de Baque Virado situadas em Recife-PE. Somado ao empoderamento e a luta do movimento feminista. Para tal digressão apoia-se, dentre outros, nas autoras: Anzaldúa (2019), Butler (1990), Hooks (2013), Martin, (1997), Taylor (2015), que nos permite legitimar e visibilizar os estudos da memória e analisar as loas que transcorrem o campo da performance.

**Palavras-chaves:** Baque Mulher; linguagem; performance; maracatu; memória.

### "BAQUE MULHER" AND ITS ROOTS IN THE CULTURAL-RELIGIOUS MEMORY OF MARACATU NATION: A PERFORMANCE ANALYSIS

**Abstract:** In summary, the following article affirms the existence of the performances present in the "Loas" language of the "Maracatu Nação de Baque Virado"; having as a differential the study of "Baque Mulher Loas", a group composed exclusively of women who transmit, through their writings, all their religious-cultural memory of the "Maracatu Nação de Baque Virado", located in Recife-PE. Added to the empowerment

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras- Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [vivianetfm@gmail.com](mailto:vivianetfm@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: [kassymuniz@gmail.com](mailto:kassymuniz@gmail.com)



and struggle of the feminist movement. For such a digression this searching is based, among others, on the authors: Anzaldúa (2019), Butler (1990), Hooks (2013), Martins, (1997), Taylor (2015), which allows us to legitimize and make visible the studies of memory and analyze the "Loas" that run the field of performance.

**Keywords:** Baque Mulher; language; performance; Maracatu; memory.

### **BAQUE MULHER Y SUS RAÍCES EN LA MEMORIA CULTURA/RELIGIOSA DE LA NACIÓN MARACATU: UN ANÁLISIS DE PERFORMANCE**

**Resumen:** En síntesis el artículo afirma la existencia de las performances presentes en el lenguaje del Maracatu Nación de Baque Virado; teniendo como diferencial el estudio del Baque Mulher, un grupo compuesto exclusivamente por la memoria cultural religiosa de las Naciones de Maracatu de baque Virado, situadas en Recife-PE. Sumando el empoderamiento y la lucha del movimiento feminista. Para tal digresión apoya se entre otros, en las autoras: Anzaldúa (2019), Butler (1990), Hooks (2013), Martins (1997), Taylor (2015), que nos permite legítimar y visibilizar los estudios de la memoria y analizar los que transcurren el campo del performance.

**Palabras-claves:** Baque Mulher; lenguaje; performance; maracatu; memoria.

### **BAQUE MULHER ET SES RACINES DANS LA MÉMOIRE CULTURELLE / RELIGIEUSE DE LA NATION MARACATU: ANALYSE DE LA PERFORMANCE**

**Résumé:** En résumé, l'article suivant affirme l'existence des performances présentes dans le langage loas de la Nation Maracatu de Baque Virado; En ayant pour différentiel l'étude de Baque Mulher, un groupe composé exclusivement de femmes qui transmettent à travers leurs écrits toute la mémoire culturelle et religieuse des nations Maracatu de Baque Virado situées à Recife-PE. Ajouté à l'autonomisation et à la lutte du mouvement féministe. Une telle digression s'appuie, entre autres, sur les auteurs: Anzaldúa (2019), Butler (1990), Hooks (2013), Martins (1997), Taylor (2015), ce qui nous permet de légitimer et de rendre visibles les études de mémoire et aussi d'analyser les loas qui passent par le domaine de la performance.

**Mots-clés:** Baque Mulher; langage; performance; maracatu; mémoire.

## **INTRODUÇÃO**



Mediante aos diversos estudos em torno da Colonização Brasileira sabe-se que nasceram diversas manifestações culturais em solo brasileiro, sendo os precursores desses grupos manifestantes os africanos, que tinham costumes peculiares do seu povo de origem, trazendo consigo tradições de uma cultura rica em danças, jogos, músicas e sobretudo uma religiosidade distinta do que era imposto no Brasil – o catolicismo. É imprescindível, então, que os brasileiros compreendam que “a história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social” (Martins, 1997, p.24).

Toda a força e o axé<sup>3</sup> que acompanhavam os negros persistiram e deram origem a uma boa parte do que conhecemos por Cultura Popular Brasileira. Dentre elas podemos citar o Afoxé, a Capoeira, o Coco, o Frevo, o Maracatu, o Samba dentre outros. Em meio a essa vasta cultura que o Brasil possui, o trabalho que segue estará voltado para se atentar a uma manifestação que atualmente vem ganhando espaço dentro e fora do Brasil, o Maracatu Nação de Baque Virado<sup>4</sup>.

As raízes do maracatu começam a ser regadas dentro das senzalas como forma de expressão e interação entre escravos que eram maltratados e explorados, encontrando no tocar uma forma de manter sua identidade cultural e religiosa por meio do toque dos tambores, das músicas e das danças. Eram constantemente reprimidos e proibidos de terem sua própria expressividade, sendo obrigados a praticar o Catolicismo, pois seus cultos e crenças eram e, ainda hoje, são por muitos consideradas uma heresia<sup>5</sup>.

Em meados do século XVII, o Maracatu já estava presente na Cultura Brasileira, no entanto o primeiro grupo de Maracatu datado de forma oficial conforme os dados do governo de Pernambuco é o Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu, na cidade de Igarassu fundado em 8 de dezembro de 1824 Em seguida, surge o Maracatu Nação Elefante com atividade ininterrupta desde 8 de dezembro de 1863 situado no

---

<sup>3</sup> Axé do Yorùbá Àse significa força e poder.

<sup>4</sup> Existem 2 categorias de maracatus “o maracatu-nação (ou de baque-virado) e o maracatu-orquestra (ou de baque-solto).

<sup>5</sup>Divergências de ideias em torno de fé e religiosidade católica.



bairro Ribeira da Boa Vista em Recife-PE. Com o passar do tempo foram nascendo e se oficializando outras Nações de Maracatu.

De início, os instrumentos eram o tambor (alfaia), a caixa (tarol), o gonguê e o mineiro (ganzá). Ao decorrer dos anos, foram inseridos outros instrumentos como o agbê, o timbau e o patangome, sendo variada a inserção de cada instrumento de uma Nação para outra.

O Maracatu não é composto apenas pelos batuqueiros e batuqueiras, mas também pela corte real que simboliza e ressignifica as coroações do Rei do Congo e das Irmandades do Rosário, possibilitando ao povo negro reviver e coroar seus próprios reis e rainhas. Como relata D. Leonor Galdino:

A coroação dos reis do Congo tem registro muito antigo no Brasil, com ocorrência em 1674, em Recife. Esse evento – permitindo simbolicamente que os negros tivessem seus reis – foi um recurso utilizado pelo poder do Estado e da Igreja para controle dos escravos. [...] Na ausência de sua sociedade original, onde os reis tinham a função real de liderança, os negros passaram a ver nos ‘reis do congo’ elementos intermediários para o trato com o sagrado.” (In MARTINS, 1997, D. Leonor Galdino, entrevista realizada em 27.08.92, p. 32).

Sendo assim, no maracatu para ser considerada uma rainha não é preciso ser de uma linhagem burguesa, é preciso ser negra e participante de alguma religião de matriz africana. Dentre algumas dessas religiões destaca-se aqui o Candomblé, por exemplo, que está intrinsecamente ligado à algumas Nações de Maracatu, advindo de origem africana, recria práticas religiosas trazidas pelos africanos para o Brasil colônia.

Os Maracatus apresentam além do baque (percussão), as músicas que são intituladas como toadas ou loas. Elas trazem à tona a identidade afro-brasileira, sua religiosidade, cultura e resistência. Podemos dizer que as loas/toadas são construídas, segundo Florentina Souza (2007, p.32), “com vozes e gestos, canto e poesia que narram os episódios que envolvem amores, separações, resistência, sacrifícios, lutas e vitórias”. Todavia, as loas são releituras do passado que tentam dar voz ao que há muito tempo foi silenciado. São narrativas que tecem sobre a memória religiosa e cultural de um povo retratando, também, situações atuais.



Em 2008 Joana D'arc Cavalcante se tornou a primeira Mestre da Nação de Maracatu Encanto do Pina situada no bairro (comunidade) do Bode em Recife, posição reservada, até então, somente para os homens, a exemplo do cargo de capitão de guarda das Irmandade do Rosário de Minas Gerais. No mesmo ano, vendo a necessidade de fortalecer ainda mais a participação e importância das mulheres no baque, Mestre Joana desenvolveu no mesmo ano um grupo formado somente por mulheres: Baque Mulher. Uma aliança entre batuqueiras que têm suas origens em duas Nações de Maracatu de baque virado (Maracatu Nação Encanto do Pina<sup>6</sup> e Maracatu Nação Porto Rico<sup>7</sup>).

O Baque Mulher é o primeiro grupo percussivo que toca o Maracatu de Baque Virado, tendo sua formação composta unicamente por mulheres. De tal modo, as batuqueiras mantêm as memórias culturais e identitárias do Maracatu Nação fortalecendo ainda mais suas raízes e dando voz ao feminino que há tempo fora silenciado no Maracatu. Um grupo que traz em suas loas e em seu baque toda a simbologia dos antepassados adicionando à elas a luta e resistência da mulher. O grupo Baque Mulher vem para fortalecer protagonismo das mulheres dentro do Maracatu.

O estudo a ser feito terá seu foco exclusivo no Baque Mulher e em suas loas, visando a valorização do Maracatu de Baque Virado e o trabalho performático de suas narrativas que se dão na criação e propagação das loas. Essas serão aqui nomeadas de *cantofeminino*, uma vez que une o canto como forma poética de reavivar o sagrado feminino e, conseqüentemente, o feminismo no âmbito que perpassa a vivência e luta das mulheres moradoras das comunidades Recifenses onde residem as Nações de Maracatu.

A *performance* percorre por um campo multidisciplinar e vem sendo investigada por se tratar de uma área ampla com inúmeras significações em torno de diversas áreas que são distintas e que, entretanto, possuem o mesmo objetivo de (re)afirmar e abrir espaço aos sujeitos *invisibilizados* pela aclamada cultura eurocentrista. A *performance* permite, por exemplo, que o olhar da sociedade se volte

---

<sup>6</sup> *Ylê Asè Oxum Deym*

<sup>7</sup> *Ylê Asè Oxossi Guangaobira*

para “ver a sua múltipla face oculta pelos rastros/resíduos da África e suas temporalidades ressignificadas no espaço Brasileiro do ‘Atlântico Negro’” (Cruz, 2009).

## **BAQUE MULHER – CULTURA E RESISTÊNCIA DO FEMININO NO MARACATU DE BAQUE VIRADO**

Em 10 de outubro de 2008 nasce, na cidade do Recife no estado de Pernambuco, o primeiro grupo composto exclusivamente por mulheres que tocam o Maracatu de Baque Virado. O grupo foi nomeado Baque Mulher, sendo desenvolvido e criado por Mestre Joana D’arc Cavalcante e outras batuqueiras. Cabe ressaltar que Joana se tornou a primeira mulher a ser Mestre de um Maracatu Nação. Como primeira nesta posição ela conta em uma entrevista que:

No início, foi bem doloroso e desafiador. Muitos homens não me aceitaram, tive a rejeição de muitas pessoas. Vários batuqueiros deixaram a Nação porque não queriam ser regidos por uma mulher. Praticamente reiniciei o Encanto do Pina do zero. Hoje, já posso dizer que é uma missão que está dando certo (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2018).

Após Mestre Joana se tornar a líder do Maracatu Nação Encanto do Pina, ela notou que por ser mulher mais mulheres começaram a participar dos ensaios, afinal o diálogo entre mulheres tende a ser mais compreensivo. Sendo assim, por meio de conversas que perpassavam o batuque e a comunidade elas notaram a necessidade de um grupo formado só por mulheres visando manter a ancestralidade do baque com o toque e o olhar feminino, retratando a luta diária em que a mulher se encontra ajudando-a seguir sempre em frente e ter garra para enfrentar todos os desafios.

Além de ser Mestre de um Maracatu Nação e do Baque Mulher, vale observar o papel que ela representa dentro do Ylê<sup>8</sup>. Mestre Joana é yakekerê<sup>9</sup> do Ilé Axé Oxun Deym e, assim como as Nações de Maracatu tem seus orixás protetores, o Baque Mulher enquanto grupo feminino também presa pela religiosidade. Portanto, o grupo

---

<sup>8</sup> Casa de Axé.

<sup>9</sup> Mãe pequena do terreiro (ylê).



traz em sua identidade a representatividade de duas orixás femininas que representam a força, a luta e suas respectivas cores estampam o grupo. As orixás regentes do Baque Mulher são Iansã (cor rosa) e Obá (cor laranja) representadas nas cores do figurino mencionadas nas letras das loas.

A luta da mulher vem desde o berço, pois, ao nascer, já lhe são impostas diversas regras e estereótipos. Somente a partir de 1960 é que começam a aparecer pelas ruas os movimentos feministas, que traziam em sua pauta, por exemplo, a busca por direitos equânimes e o fim da violência contra a mulher. Com a fala acima citada da Mestra Joana notamos como o machismo e preconceito ainda persistem, em pleno século XXI, a criar barreiras para a participação feminina em determinados espaços sociais.

Tendo em vista os relatos acima, podemos perceber que foi necessário mais de um século para que a mulher pudesse tocar algum instrumento no Maracatu e mais dois séculos para que pudesse exercer a função de Mestra. Assim, no momento em que é concedido a Joana o apito, se passam dez meses para a articulação e desenvolvimento do grupo feminino: Baque Mulher. Desse modo, pode-se notar que quando as mulheres se unem e se organizam ganham mais forças para lutar e resistir. Essa força e garra em si auto afirmar enquanto mulher é atualmente caracterizada como uma das formas de *empoderamento*. Nas palavras de Djamila Ribeiro (2015) “Quando uma mulher empodera a si tem condições de empoderar a outras” (Ribeiro, 2015).

As batuqueiras e percussionistas do grupo Baque Mulher têm seus conhecimentos advindos de outras duas Nações de Maracatu. Portanto, continuam os seguimentos religiosos dentro do grupo, visando preservar a memória cultural dos Maracatus Nação. Além disso, buscam comunicar-se a partir de suas músicas e *performances* reafirmando os direitos e a capacidade que as mulheres têm em tocar, dançar, cantar e lutar por melhores condições de vida, reconhecimento e respeito.

O Baque Mulher se apresenta no Carnaval e em outras manifestações culturais como a Terça Negra, movimento de resistência que acontece em toda primeira terça-feira do mês, no Pátio São Pedro, situado no Recife Antigo. Em suas apresentações, elas



costumam cantar algumas loas das Nações de origem como forma de homenagem e agradecimento pelos aprendizados. Entretanto, a maior parte da apresentação é feita com as loas do grupo, escritas em sua maioria pela Mestra Joana e pela batuqueira Tenily Guian. O Baque Mulher hoje possui em média um acervo de 20 loas autorais que tratam dos direitos das mulheres, da força e da religiosidade ligadas ao feminino e ao Maracatu. Alguns títulos são: “Maria da Penha”; “Negra Empoderada”; “Baque rosa tá na rua”; “As mulheres da minha Nação”; “Bate o tambor”; “Saia de chita”; “Nossa bandeira”, dentre outras.

### ENTRECRUZAMENTO: *PERFORMANCE* E MEMÓRIA

A *performance* é uma palavra que tem sua “raiz etimológica francesa, *parfournir*, ‘fornecer’, ‘completar’ ou ‘executar completamente’. Do francês, o termo passou para o inglês como *performance* no século XVI e, desde os séculos XVI e XVII” (Taylor. 2015, s/p). Os estudos ao redor da *performance* como podemos ver surgiram a mais ou menos cinco séculos e até nos dias atuais provocam um confronto de ideias na busca contínua de seus significados. Alguns dos estudos e pesquisas tendem a abranger ambientes e culturas marginalizadas.

Em um de suas obras Aleida Assmann (2011) afirma que “assim como muitos caminhos levam a Roma, também muitos levam a memória.” Portanto defende-se aqui que um desses possíveis caminhos é que as representações performáticas são recapitulações das memórias de um passado histórico. Tendo como papel fundamental manter a identidade cultural dominante de um grupo de indivíduos que visam manter vivas suas memórias. Conforme Florentina Sousa (2007, p. 31):

Enfaticamente no campo da música, da dança e de religiosidade, as tradições culturais permanecem como espaços privilegiados de memória e recriação, o que faz das *performances* um dos elementos significativos na transmissão, circulação e reconfiguração da memória dos afrodescendentes” (SOUZA, 2007, p.31).

As loas, aqui chamadas *cantofeminino*, conceito compreendido aqui como as composições do grupo Baque Mulher, cujos elementos e temas estão direcionados, neste primeiro momento, para colaborar não somente com a memória cultural do Maracatu de baque virado, como também estratégia de luta das mulheres em defesa de seus direitos. Afinal “a *performance* se situa num contexto ao mesmo tempo cultural e situacional.” (Zumthor, 2007, p.31)

Em seus desdobramentos múltiplos a *performance* permite trabalhos na área da linguagem, cultura, identidade, gênero, resistência, sociedade, entre outras. O autor Alastair Pennycook (2006, p.81) aborda em um de seus artigos as questões das viradas linguística, somática e performativa. Condizente com o autor a virada performativa “Fornece um modo de pensar as relações entre linguagem e identidade que enfatiza a força produtiva da linguagem na constituição da identidade”. Logo concorda-se que tal virada *performativa* juntamente com a linguagem corrobora para a construção da identidade.

As identidades formadas e recriadas na *performance* linguística no *cantofeminino*, nos proporciona desvincular do Falocentrismo de Lacan. Conforme Glória Anzaldúa (2009, p.386) “Somos privadas do nosso feminino pelo plural masculino, A linguagem é um discurso masculino.” De contrapartida com a afirmação de Anzaldúa temos o *cantofeminino* produzido pelo Baque Mulher, sendo mais uma forma de impor o lugar de fala da mulher como protagonista.

Na pesquisa foram analisadas três loas do Baque Mulher, que abordam a memória cultural dos Maracatus e sua religiosidade, além de apresentar pautas e discussões do movimento feminista. Nas palavras de Martins:

Os valores que traduzem, a visão de mundo que espelham, as formas rituais que performam e a reposição cultural que estabelecem vem d’além mar, como rizomas ágrafos, reinscrevendo perenamente, no palimpsesto textual brasileiro, a letra africana (MARTINS, 1997, p. 41).

### ANÁLISES DAS LOAS: *CANTOFEMININO*



Para a realização deste trabalho são estudadas três loas, duas sugeridas por Mestra Joana D'arc. As duas loas preconizadas e compostas por Mestra Joana D'arc Cavalcante para análise foram: “Maria da Penha”, que insere em seus versos informações sobre a Lei 11.340, conhecida popularmente como Lei Maria da Penha. E “Negra Empoderada”, que apresenta em sua narrativa questões de gênero, de raça e do machismo dominante tange as mulheres que tocam Maracatu. A terceira tem suas linhas tecidas por Tenily Guian, batuqueira do Baque Mulher, nomeada “As Mulheres da minha Nação”, tal loa dialoga sobre a união das mulheres e o contato religioso do Baque Mulher com a memória religiosa dos Maracatus Nação.

Torna-se necessário embasar o diálogo do que aqui considero *cantofeminino* com a narrativa, antes que se dê suas análises no campo das significações performáticas. Com o apoio dos conceitos de Cândida Gancho (2006) propostos na narrativa, a análise proposta será inicialmente destrinchada em 3 conceitos chaves. Que foram desenvolvidos no pensar das loas enquanto *cantofeminino*. São eles:

1. TEMA: a ideia a ser desenvolvida na loa;
2. CONTEXTO: a concretização da ideia inicial desenvolvida;
3. MANIFESTO: a finalização da história tendo como aparato primordial a discussão dos direitos femininos e/ou a valorização da memória ancestral.

Assim sendo no *cantofeminino* “Maria da Penha” (anexo A) temos:

Tema: Lei Maria da Penha

Contexto: Violência contra mulher

Manifesto: As mulheres têm os seus direitos

No segundo *cantofeminino* que será analisado intitulado “Negra Empoderada” (anexo B) encontra-se:



Tema: Mulher Negra.

Contexto: Empoderamento enquanto mulher negra.

Manifesto: O machismo não irá calar a mulher negra.

As marcas conceituais propostas também estão presentes em “As mulheres da minha Nação” (anexo C):

Tema: Homenagem as Mulheres da Nação.

Contexto: Relação entre as Mulheres e o Candomblé.

Manifesto: A identificação da Mulher e Orixás Femininas.

Após a divisão dos conceitos narrativos nos *cantofemininos*, o estudo segue para análise de *performance*. Inicia-se a análise com a *performance* de identidade, possibilitando ampliar a valorização da parte não reconhecida. Marvin CARLSON (2009, p.163) afirma que “é a *performance* envolvida com as preocupações, os desejos e mesmo a visibilidade dos normalmente excluídos por raça, classe ou gênero” que irá tomar conta tanto de cenários urbanos quanto rurais. Nos versos que se seguirão poderemos notar a presença da luta da Mulher (gênero) que mora na periferia (classe) e carrega consigo a luta feminista, além da crença em sua Nação e a pele negra (raça/coloração).

A autora Bell Hooks (2013) discute a questão hierárquica de poder da mulher branca sobre a mulher negra. De modo que a luta da mulher negra no feminismo apresenta outro peso histórico cabendo somente a ela aprofundar mais a discussão em relação as suas dificuldades para construção de seu empoderamento. Um exemplo dessa construção é a representatividade na loa abaixo:

*Sou mulher, negra,  
Empoderada  
Trago axé da Nação Nagô  
Feministas do baque virado  
Mulheres guerreiras tocando tambor*



(Negra Empoderada, Mestra Joana)

Uma das pautas mais discutidas do feminismo é a violência contra a Mulher. No entanto, a cultura do machismo infelizmente ainda é predominante e o patriarcado insiste em fechar os olhos para os abusos cometidos contra as mulheres. Ainda assim, nos próximos versos Mestra Joana mostra a força identitária e o posicionamento da Mulher em relação ao machismo, via *performance* de identidade, uma vez que ela é “autoria ativa e um meio alusivo para afirmar sua presença irrefutável (um ato de feminismo) dentro de um meio hostil (patriarcado)” (ELWES *apud* CARLSON, 2009):

*Não há violência\_ou  
Machismo qualquer  
Que cale meu tambor  
Eu sou baque Mulher*

*Tocando o tambor  
Trazendo axé  
Do baque virado  
Guerreiras mulher*

(Negra Empoderada, Mestra Joana)

A Mulher é forte e persiste em mostrar para a sociedade sua verdadeira natureza. Desde os anos 70 a *performance* e o feminismo se conectaram e estão ligados até hoje na busca de reconhecimento perante o patriarcado onde “o fato de que a *performance* é uma ferramenta de empoderamento” (Taylor, 2015, s/p) se une com o feminismo que mergulha pelo mesmo sentido. Dentre as várias buscas por direitos iguais, a participação no Maracatu foi e vem sendo um ganho de extrema importância. A existência de um grupo formado exclusivamente por mulheres, Baque Mulher, reafirma suas memórias culturais e religiosas e mostra a força do poder feminino, como retrata as loas. A *performance* de identidade retoma “ao passado coletivo das mulheres e à exploração de estratégias de ativismo feminino específico” (Carlson, 2009, p. 168). Tal ativismo pode ser encontrado nos seguintes trechos:

39



*Mulheres do mundo inteiro  
Com garra pra vencer  
Vamos unir as nossas forças  
E fazer acontecer*

(Maria da Penha - Mestra Joana)

As reconstruções, releituras e ressignificações não ameaçam a memória cultural e a importância religiosa dos Maracatus Nação, pelo contrário elas chegam para agregar mais força e se adequam às lutas atuais, como ocorre no caso do grupo Baque Mulher, que incorpora em seus versos as lutas de natureza feminina, valorizando o poder e a capacidade da mulher dentro do Maracatu sem esquecer suas origens. Nas palavras de Martins (1997, p.41):

Os valores que traduzem, a visão de mundo que espelham, as formas rituais que performam e a reposição cultural que estabelecem vem d'além mar, como rizomas ágrafos, reinscrevendo perenamente, no palimpsesto textual brasileiro, a letra africana (MARTINS, 1997, p. 41).

Sendo assim tais valores que performam as formas rituais e valorizam os conhecimentos vindos de além-mar, encontram-se nos versos abaixo:

*As mulheres da minha nação  
São guerreiras, batuqueiras  
Baianas e yalorixàs*

*Conhecem a fundo os segredos do mundo  
Com o brilho da Oxum, a coragem da Oyá  
A dama do paço carrega a calunga  
Mãe Yemanjá vem nos abençoar*

(“As Mulheres da minha Nação”, Tenily Guian)

Logo, o *cantofeminino* acima recupera a memória cultural religiosa ao fazer menção aos Orixás, no caso referindo-se a três orixás femininas: Oxum, Oyá e Yemanjá. Na segunda estrofe, no terceiro verso, temos a descrição de parte essencial do



cortejo do Baque, que remete à memória da diáspora africana no Brasil, instaurada no nordeste Pernambucano, “A dama do paço carrega a calunga”, uma ação performática tanto do corpo quanto da memória que estão presentes no desfile feito pelos Maracatus Nação. Além de ressaltar a importância dada as mulheres mais velhas, herança dos costumes advindos da sociedade africana conforme “O respeito a fala está também ligado ao respeito aos ancestrais e aos anciões” (Filho e Alvez, 2017, p.55).

Diante das inúmeras vitórias alcançadas pelas lutas feministas, se faz presente em uma das loas do Baque Mulher a lei 11.340, popularmente conhecida como lei Maria da Penha, que foi decretada e sancionada em 07 de agosto de 2006. De acordo com a Casa Civil a lei:

“Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.” (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2010, p. 1).

Em 2011, visando problematizar mais as questões da violência de gênero e doméstica (feminicídio) que afetam diariamente as mulheres, Mestra Joana D’arc escreveu a loa intitulada “Maria da Penha” em homenagem a lei 11.340. No *cantofeminino* são tecidas linhas de informação e luta, possibilitando o conhecimento da lei e fortalecendo a resistência, questões que estão envolvidas de lado a lado com a *performance*. Assim, não há contestações de que “a *performance* tem sido recentemente mais e mais utilizada para ganhar visibilidade política e social” (Marvin, 2009, p. 178). Com o intuito de apresentar os elementos anteriormente expostos, faço o uso das duas primeiras estrofes do *cantofeminino* “Maria da Penha”:

*Maria da Penha é forte  
É forte pra valer  
Com sua força e coragem  
Fez a lei acontecer*

41



*A lei Maria da Penha  
Agora eu já sei  
11.340 do ano 2006*

(Mestra Joana D'arc)

O *cantofeminino* nos permite saber que Maria da Penha – a mulher na vida real – é homenageada e tem sua principal conquista, fruto de sua luta, divulgada pelo eu lírico, que ainda afirma que a lei representa a luta por respeito e reconhecimento de todas as Mulheres brasileiras. A loa também comporta a data e o número da lei em questão contribuindo, assim, para o conhecimento geral das mulheres e para que elas não ignorem seus direitos.

Portanto o *cantofeminino* almeja dar voz às Mulheres, assim como o estudo das *performances*, portanto de acordo com Marvin Carlson (2009, p.204) “O processo de mudar o que pode ser visto, de dar visibilidade e também voz aos fenômenos dos excluídos, como os desejos femininos ou a subjetividade feminina.” Tal processo remete-se a *performance* de resistência que pode ser encontrada no *cantofeminino* abaixo:

*Temos direito a liberdade  
Temos direito de viver  
Temos direito temos direito  
Temos direito de vencer*

(“Maria da Penha”, Mestra Joana D'arc)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido às questões discutidas e analisadas no corpo do texto acima pode-se afirmar que os estudos das *performances* não são em vão, uma vez que esses possibilitam o diálogo com a memória cultural e religiosa de uma nação. Tendo como



objetivo reavivar e reafirmar tais culturas e grupos marginalizados através dos desdobramentos narrativos das *performances*.

O grupo Baque Mulher possibilita não só o empoderamento feminino, como também agrega dentro da religiosidade a vivacidade e o poder feminino. Embasando o enlace da luta feminista e memória religiosa. Por meio das narrativas do *cantofeminino* é possível ouvir a voz e conferir legitimidade ao discurso de luta das mulheres das comunidades do Recife, tanto para o âmbito acadêmico quanto para o espaço periférico, levando a todas as mulheres que tiverem a oportunidade de ouvir o canto e o batuque, o conhecimento de seus direitos através da cultura afro-brasileira - o Maracatu Nação de Baque Virado.

Percebe-se então com o artigo apresentado que as loas do Baque Mulher tratados de *cantofeminino* dialogam com as *performances* e visam reafirmar a memória cultural e religiosa dos Maracatus.

Conclui-se então que a pesquisa realizada pôde proporcionar maior conhecimento, não somente sobre as memórias que regem os Maracatus como o espaço e as conquistas obtidas pelas mulheres com o passar dos séculos, em uma manifestação cultural que há tempos tivera espaço de reconhecimento somente para o público masculino.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALZANDUÁ, Glória. *Como domar uma língua Selvagem*. Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: Difusão da Língua Portuguesa, n°39, p. 297-309, 2009.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro – Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTE, Joana D. *Maracatu de baque virado do Recife é o primeiro a ter uma Mulher no comando*. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2018/08/primeira-mulher-a-comandar-uma-nacao-de-maracatu-baque-virado-mestra.html>. Acesso em :18 de agosto de 2019.



CAVALCANTE, Joana D. *Loas do Baque Mulher*. Disponível em: [www.baquemulher.com.br](http://www.baquemulher.com.br). Acessado em :18/07/2019.

CARLSON, Marvin A. *Performance: uma introdução crítica*. Trad. Thaís Flores Nogueira Diniz; Maria Antonieta Pereira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CONGRESSO NACIONAL. Lei Maria da Penha: Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 34 p. [882143] CAM.

COSSARD, Gisèle Omindarewá. *Awô: o mistério dos orixás*. 2ªed. Rio de Janeiro. Ed. Pallas, 2014.

CRUZ, Adélcio. *Afro-Brasilidade urbana: Poética da diáspora em Performance* in: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. 224 p. (ISBN 978-85-7160)

FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos; ALVES, Janaína Bastos. A TRADIÇÃO ORAL PARA POVOS AFRICANOS E AFROBRASILEIROS: RELEVÂNCIA DA PALAVRA. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 9, p. 50-76, dez. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/464>. Acessado em: 20 de agosto de 2019.

GUERRA-PEIXE. *Maracatus do Recife*. Recife: Irmãos Vitale, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1980.

HALL, Stuart. *Que "negro" é esse na cultura popular negra?* Lugar Comum, nº 13-14, p. 147 a159, 2001.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MARTINS, L.M. *Afrografias da memória*, co-edição de Editora Perspectiva e MAZZA EDIÇÕES, 1997.

NAPOLEÃO, Eduardo. *Vocabulário Yorùbá*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2011.

PENNYCOOK, Alastair. *Uma linguística aplicada transgressiva*: In MOTTA LOPES, Luiz Paulo da (org). *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. 1ª ed. Editora Parábola, 2006.

RIBEIRO, Djamila. *O Empoderamento Necessário*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/>. Acessado em: 17 de julho de 2019.

SARDENBERG, Cecília. *Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva feminista* (transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do



Empoderamento de Mulheres) – Projeto TEMPO, NEIM/UFBA, Salvador, 2006, ampliado na versão 2009.

SILVA, Rubens Alves da. *A atualização das tradições: performances e narrativas afro-brasileiras*. São Paulo: LCTE Editora, 2012.

SOUZA, Florentina. Memória e *Performance*: nas culturas afro-brasileiras. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. 224 p. (ISBN 978-85-7160)

TAYLOR, Diana. O que são os estudos da *performance*? Disponível em: <http://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/table-of-contents-por> . Acessado em: 23 de junho de 2019.

VILARES GANCHO, Cândida. *Como Analisar Narrativas*. 9. São Paulo: Ática, 2006. (Princípios; 207).

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

## ANEXO A

### **Maria da Penha**

**Autora: Mestra Joana**

Maria da Penha é forte  
É forte pra valer  
Com sua força e coragem  
Fez a lei acontecer

A lei Maria da Penha  
Agora eu já sei  
11.340 do ano 2006

Mulheres do mundo inteiro  
Com garra pra vencer  
Vamos unir as nossas forças  
E fazer acontecer

Temos direito a liberdade  
Temos direito de viver  
Temos direito temos direito  
Temos direito de Vencer



## ANEXO B

### **Negra Empoderada**

**Autora: Mestra Joana**

Sou mulher, negra,  
Empoderada  
Trago axé da Nação Nagô  
Feministas do baque virado  
Mulheres guerreiras tocando tambor

Não há violência ou  
Machismo qualquer  
Que cale meus tambor  
Eu sou baque Mulher

Tocando o tambor  
Trazendo axé  
Do baque virado  
Guerreiras mulher

## ANEXO C

### **As Mulheres da minha Nação**

**Autora: Tenily Guian**

As mulheres da minha nação  
São guerreiras, batuqueiras  
Baianas e yalorixás

São guerreiras, batuqueiras  
Baianas e yalorixás

Conhece a fundo o segredo do mundo  
Com o brilho da Oxum, a coragem da Oyá  
A da  
ma do passo carrega a calunga  
Mãe Yemanjá vem nos abençoar

*Recebido em: 30/09/2019*

*Aceito em: 30/11/2019*